

Nova subvariante da Covid-19, 'Cicada' tem 75 mutações e já circula em 23 países; veja o que se sabe

Category: GERAL, MUNDO, SAÚDE

escrito por Maria Luiza | 7 de abril de 2026



Dados iniciais, no entanto, indicam que a linhagem não está associada a aumento de casos graves ou de hospitalizações, mantendo o padrão observado nas subvariantes mais recentes da Ômicron.

A seguir, especialistas explicam o que é a subvariante, quais são os sintomas e o que se sabe sobre a proteção das vacinas e o risco de circulação no Brasil.

Entenda o que é a subvariante 'Cicada'

A BA.3.2 é mais uma subvariante da Ômicron, e não uma nova variante independente. Isso significa que ela faz parte de um processo contínuo de evolução do vírus, que acumula mutações para se manter em circulação.

Renato Kfoury, vice-presidente da Sociedade Brasileira de Imunizações (SBIIm), explica que essa dinâmica já era esperada.

Desde a chegada da Ômicron, o vírus deixou de apresentar grandes "saltos" entre variantes –como ocorreu entre Alfa,

Delta e a própria Ômicron— e passou a evoluir por meio de sublinhagens.

Essas mudanças seguem uma lógica adaptativa: à medida que a população desenvolve imunidade, o vírus sofre mutações que permitem escapar parcialmente dessa proteção e continuar se espalhando.

O que tem de diferente na linhagem

O principal diferencial da “Cicada” está na proteína Spike, estrutura usada pelo vírus para invadir as células humanas.

Segundo Juarez Cunha, diretor da SBIm, a subvariante apresenta cerca de 75 mutações nessa proteína —número considerado elevado.

Esse tipo de alteração pode impactar a forma como o sistema imunológico reconhece o vírus, favorecendo o chamado “escape de anticorpos”, fenômeno já observado em outras fases da pandemia.

Na prática, isso pode aumentar o risco de infecção mesmo em pessoas vacinadas ou previamente infectadas, sem necessariamente significar quadros mais graves.

Sintomas: há algo diferente?

Até agora, não.

De acordo com os especialistas ouvidos pela reportagem, o perfil clínico permanece semelhante ao das versões recentes da Ômicron, com sintomas como:

- febre
- dor de garganta
- tosse

- coriza
- cansaço

Não há sinais de manifestações novas ou mais agressivas associadas à subvariante.

Cunha afirma que os relatos atuais não indicam mudança no padrão da doença, que segue predominantemente leve na maioria dos casos.

Vacinas continuam funcionando?

Sim, especialmente contra formas graves.

Mesmo com mutações que permitem algum escape imunológico, as vacinas seguem desempenhando seu papel mais importante: evitar hospitalizações e mortes.

Kfoury destaca que os imunizantes nunca acompanham exatamente a versão mais recente do vírus, mas ainda assim mantêm proteção consistente contra quadros graves, geralmente entre 6 e 12 meses após a dose.

Esse padrão se mantém porque todas as subvariantes atuais descendem da Ômicron, o que preserva parte da resposta imunológica induzida pelas vacinas.

Há aumento de casos graves?

Até o momento, não há evidências de aumento de gravidade ou de internações associadas à “Cicada”.

O que se observa, em alguns países, é um possível aumento proporcional de casos em crianças –hipótese que ainda está sendo investigada e pode estar relacionada ao fato de muitas delas não terem tido contato prévio com o vírus.

A variante já chegou ao Brasil?

Até o último boletim disponível, não havia confirmação oficial da circulação da BA.3.2 no país. Ainda assim, especialistas consideram provável que isso aconteça.

Isso porque a subvariante já demonstrou capacidade de disseminação internacional rápida, o que historicamente leva à sua introdução em diferentes regiões do mundo em pouco tempo.

O que preocupa agora

Mais do que a subvariante em si, o principal ponto de atenção apontado pelos especialistas é a queda na vacinação.

Cunha alerta que a Covid-19 continua causando hospitalizações e mortes, especialmente entre idosos, crianças pequenas e gestantes –justamente os grupos com menor cobertura vacinal recente.

Hoje, a doença tem comportamento semelhante ao de vírus respiratórios sazonais, como a influenza, mas ainda com impacto relevante na saúde pública.

Fonte: g1 e Publicado Por: Jornal Folha do Progresso
07/04/2026/07:20:24

O formato de distribuição de notícias do [Jornal Folha do Progresso](#) pelo celular mudou. A partir de agora, as notícias chegarão diretamente pelo formato Comunidades, ou pelo canal uma das inovações lançadas pelo WhatsApp. Não é preciso ser assinante para receber o serviço. Assim, o internauta pode ter, na palma da mão, matérias verificadas e com credibilidade. Para passar a [receber as notícias](#) do Jornal Folha do Progresso, clique nos links abaixo siga nossas redes sociais:c

- [Clique aqui e nos siga no X](#)

- [Clica aqui e siga nosso Instagram](#)
- [Clique aqui e siga nossa página no Facebook](#)
- [Clique aqui e acesse o nosso canal no WhatsApp](#)
- [Clique aqui e acesse a comunidade do Jornal Folha do Progresso](#)

Apenas os administradores do grupo poderão mandar mensagens e saber quem são os integrantes da comunidade. Dessa forma, evitamos qualquer tipo de interação indevida. Sugestão de pauta enviar no e-mail: folhadoprogresso.jornal@gmail.com.

Envie vídeos, fotos e sugestões de pauta para a redação do JFP (JORNAL FOLHA DO PROGRESSO) Telefones: WhatsApp [\(93\) 98404 6835](#)– (93) 98117 7649.

“Informação publicada é informação pública. Porém, para chegar até você, um grupo de pessoas trabalhou para isso. Seja ético. Copiou? Informe a fonte.”

*Publicado por Jornal Folha do Progresso, Fone para contato 93 981177649 (Tim) WhatsApp: [-93- 984046835](#) (Claro)
- Site: www.folhadoprogresso.com.br e-mail: folhadoprogresso.jornal@gmail.com/ou e-mail: adeciopiran.blog@gmail.com*

[Guia detalhado do slot Pesca Feliz para iniciantes](#)